

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA	
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR	
Anno ou 52 numeros.....	25500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	12800 »
Trimestre ou 13 ».....	7000 »
Avulso.....	60 »

— ANNO I — 8 DE MAIO DE 1881 — N.º 12 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA	
BRAZIL	
Anno ou 52 numeros.....	75000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	36000 »
Trimestre ou 13 ».....	20000 »
Avulso.....	200 »

SUMARIO

Gravuras:—Prisão de Jorge Cadoudal; Uma camponesa da Picardia; A esmola; Um moinho de orações no Mongol.

Texto:—Actualidades, por Pinheiro Chagas; As nossas gravuras; O casamento na China, por Carlos de Sepúlveda;

Os olhos de Guilherme Tell; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amers; Os perigos de dormir na cama, trad. Cunha e Sá; Dividas do coração, trad. de Passos Valente.



PRISÃO DE JORGE DE CADOUAL

ACTUALIDADES

Para estrearmos esta secção em que, ao correr da penna, se tratará dos assumptos que preoccupam a attenção publica, uma peça ou uma campanha, uma *toilette* ou uma viagem, um rabquista que surge ou um imperador que morre, para a estrearmos, pois, temos esta semana um assumpto magnifico—o *Luxo*. Abrimos com a chave d'ouro, que Antonio Ennes nos empresta, esta secção ligeirissima.

Foi já largamente discutida a nova peça do eloquente dramaturgo. A critica, é claro, fez pagar carissimo ao grande escriptor os seus triumphos anteriores. Falla-se muito nas difficuldades do primeiro passo, no que ha de terrivel n'uma estreia. Que illusão! A estreia tem todos os privilegios das auroras. Um dramaturgo novo! Que delirio para a critica! Pode-se bater com elle na cara dos dramaturgos estabelecidos. Depois passa-se de ariete a muralha. Entrou no Capitolio. Deus do céu! o que diria a rhetorica de mim, se eu não acrescescentasse: Cautella com a rocha Tarpeia!

Pois o *Luxo* é, no fim de contas, uma obra admiravel. Scenas vigorosas, eloquencias arrebatadas de palavras, finos toques de observação e de malicia, scenas dispostas com uma perfeição encantadora, tudo revela na peça mais uma vez os dotes extraordinarios d'esse grande dramaturgo, que um bello dia chegou ao theatro com os *Lazaristas* debaixo do braço, viu a plateia e venceu-a. E a victoria tem-n'o acompanhado sempre com rarissimas excepções. Se a *Eugenia Milton* teve um *fiasco*, se a *Emigração*, peça que o auctor destinou ao Brazil, não satisfiz o publico de além-mar, em compensação os *Engatados* e o *Saltimbanco*, foram dois triumphos memoraveis.

Não tenho tempo para fazer transições, e por isso vou já dizer de corrida quaes são os defeitos que no *Luxo* prejudicam, enquanto a mim, as notaveis qualidades do drama.

Esses defeitos encerram-se n'um só, como os mandamentos da lei de Deus em dois: a ausencia do drama.

Bem sei que ha scenas vigorosas e de effeito, peripecias bem dispostas, mas apesar d'isso Antonio Ennes, contra o seu costume, não arrancou do assumpto o drama que n'elle existia.

Ha um homem que o luxo conduz a uma situação precaria. Para se salvar d'essa situação pratica um crime, torna-se passador de moeda falsa.

Temos a acção travada vigorosamente. O modo como o personagem se vê precipitado no abismo está disposto com verdadeiro primor, mas depois?

O crime, entrando n'aquella alma honesta e pura, produziu por força um desmoralamento, a deshonra, entrando n'aquella familia, levou consigo a vergonha, a angustia, o remorso, o desespero. Está aqui o drama, e foi este exactamente o que Antonio Ennes deitou fóra.

Quem ouve o protagonista no 4.º acto não percebe facilmente se lhe saiu a sorte grande de Hespanha, ou se impingiu aos fornecedores as libras falsas de que o muniram. Na sua alma não se operou a mais leve transformação. Continua a ser um homem de brio e de pundonor. Parece que só houve uma coisa mudada na sua vida—as libras. Até ao terceiro acto eram excellentes, de cavallinho, da Australia, de bom toque, de oiro de lei. Do terceiro acto por diante passaram a

ser macanjas. Mas, se as libras deixaram de ser boas, os sentimentos continuaram a ser excellentes.

Do quarto para o quinto acto a transição é igualmente incomprehensivel. No fim do 4.º acto declarou-se o protagonista publicamente moedeiro falso. Levanta-se o panno para o 3.º acto, e vemos-o tranquillamente rodeado de sua familia em pleno idyllio, no meio de uma paisagem adoravel. Está em Cintra ou está em Angola? Foi passar o verão para S. Pedro ou foi degradado para as Pedras Negras? Aquelle vestido singelo da esposa é um vestido de campo ou é um vestido de pobreza? Não se sabe bem, palavra.

É a regeneração pelo trabalho, dizem. Regeneração porque? Nunca percebi que Alvaro Forjaz precisasse de rehabilitar-se. Achei-o sempre uma excellente pessoa, amigo de sua familia, trabalhador, honrado, e não me parece mesmo que tivesse grandes culpas na crise bancaria. Constatou-me effectivamente por vagas informações, que elle nos intervallos dos actos passou libras falsas nos bastidores; mas sinceramente, apesar d'elle proprio o declarar, nunca dei grande credito ao caso. Se fosse jurado, absolvio-o.

Como é que Antonio Ennes, que no theatro sabe principalmente arrancar de uma situação e de um assumpto tudo o que lá possa haver de dramatico, se limitou n'esta peça ás exterioridades, e abandonou completamente o estylo psychologico do crime, e as peripecias terriveis d'esse drama domestico? Talvez porque os recebeu, estudando muito de perto a verdade das coisas, ir despertar no mundo real susceptibilidades respeitaveis e melindres justificaveis. Pois foi pena! se elle trava a acção com o mesmo vigor com que o preparou, se estuda mais profundamente os caracteres dos seus personagens, se aproveita em scenas mais profundamente interessantes a eloquencia vigorosa das suas palavras, teria feito do *Luxo* uma obra prima, superior a tudo quanto escrevera até aqui, porque se conhece a cada instante, n'umas particularidades, n'uns toques ligeiros, n'umas scenas, n'uns agrupamentos, mais sciencia do theatro, mais habilidade de mão.

Do desempenho não fallo. Isso é bom para os periodicos diarios que levam para as suas columnas, ainda quentinho da atmosfera do theatro, o applauso com que saudaram Brazão no terceiro e no quarto acto, em que é realmente admiravel, com que sublinharam umas *tirades* de Augusto Rosa, com que saudaram o finissimo desempenho de Emilia dos Anjos, com que disseram a Virgínia como é deliciosa no seu papel idyllico e suave, e a Rosa Damasceno que, se a criação do papel de Baronette no *Jean de Thommeray*, lhe não tivesse já dado fóros de grande actriz lhe bastaria para isso a formosa concepção e realisação d'esse typo de rapazinho elegante e pundonoroso, criança pelo sentimento e pela alegria fica homem pela energia e pelo brio, que atravessa o drama como um raio de luz, e que fluctua na corrente do enredo como uma rosa, é o caso de o dizer.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

PRISÃO DE JORGE DE CADODAL.—Era um rude vendeano o homem que ali veem. Pertencia aquella forte raça que fez a revolução ou que a

combateu: homens excepcionaes, para quem a morte era um incidente sempre previsto e encarado com serenidade. Viesse pela guilhotina, ou viesse pelas balas, recebiam-na serenamente com o sorriso nos labios.

Cadoudal era um homem da Vendea. Emquanto ponde combater, combateu; com os seus *chouans* protraheu, por largos mezes, nas florestas vendeanas, a resistencia a essa heroica republica que estava ao mesmo tempo vencendo a Europa colligada. Todas as grandes potencias se viam obrigadas a submeter-se, a Vendea era indomavel. Afinal cedeu. Ao pulso de ferro de Bonaparte nem a Vendea resistiu.

Cadoudal partiu para Inglaterra, fallou com os emigrados, fez-lhes sentir que o grande obstaculo á sua volta era Bonaparte, esse colosso que apparecera á hora propria para consubstanciar no seu vulto todas as energias da Revolução, e para satisfazer ao mesmo tempo os desejos de tranquillidade e de ordem, que poderiam fazer voltar a França ao regimen realista, se não apparecesse a tempo este grande vulto.

Cadoudal pensou tranquillamente em eliminá-lo. Partiu para Paris, conspirou contra o primeiro consul, e planeou atacá-lo no meio da sua propria guarda, como se o encontrasse no canto de um bosque na sua conhecida Vendea. Mas a conspiração foi descoberta, e Jorge Cadoudal foi preso quando ia a sair de Paris. Mesmo n'essa occasião suprema, o vendeano manifestou-se. Aquelles pulsos herculeos não se entregavam assim ás algemas. Emquanto ponde resistir, resistiu. Se já houvesse *revolvers* no seu tempo, Cadoudal não ia para a cadeia sem ter empregado, com a certeza de um caçador de azues, as suas seis ou doze balas. Assim, depois de ter queimado duas escorvas, foi preso, e pouco depois era executado. Affrontou a guilhotina com a coragem heroica e despreocupada de que sempre dera provas.

UMA CAMPONEZA DA PICARDIA.—Ao ver aquella robusta corporatura, seio elevado e amplo, braços musculosos, espaldas largas e carnudas, aco-de logo ao pensamento a conhecida phrase de D. Francisco Manuel de Mello, na sua «Carta de guia de casados:» *mulher de lavar e durar*. Tal qual.

Hugo Salmson não fez mais do que traduzir em desenho a phrase do escriptor portuguez, um dos mais primorosos artistas da palavra que teve o seculo XVII.

Mas diga-se a verdade: o traductor sahiu-se mais bisarramente da empreza, nada facil, em que se metten. Embora custe um pouco ao nosso amor proprio nacional, devemos confessar; a traducção não fica nada inferior ao original. Note-se, que n'estes casos o original não é precisamente uma mulher da Picardia; se Salmson dá esse nome ao seu ideal da robustez feminina, é porque as povoações d'aquella antiga provincia da França, passam por ser das mais vigorosas; no entanto podia chamar-lhe uma *transmontana*, uma *barrosã*, porque tambem por cá se encontram d'aquelles bons exemplares, creados no ar sadio e penetrante das serras. O original é a mulher forte, não no sentido mystico da biblia, mas segundo as idéas sensatas e practicas do Portugal velho — *de lavar e durar*.

A ESMOLA.—Por mais de meia hora que a po-

bre creança esteve encarcerada na igreja, quasi quieta, ou pelo menos sem poder traquinar á sua vontade, nem fazer muitas perguntas, nem sequer entreter-se com uma boneca! Imaginem como ella ficaria alegre, quando depois de tamanho martyrio, começou a gosar as delicias da liberdade. Mas de repente mudou-se-lhe a ridetissima expressão do rosto, vendo assentada no adro da igreja uma mendiga esfarrapada, pallida de fome e sorrindo amorosamente para o filho que tem nos braços.

A creança ficou triste, de tanta pena que lhe fez a pobresinha; machinalmente apertou a mão da *mamã*, para que tambem visse aquella miseria, e se condessse. E a mãe, commovida, abrange a bolsa para que ella propria tire a esmola que hade ir lançar no regaço da mendiga.

O assumpto foi realmente bem concebido, e a execução primorosa. A composição do quadro é excellente; as figuras collocadas no primeiro plano e destinadas a representarem o pensamento do artista, concentram toda a attenção do espectador, que não é distraída por nenhum episodio, nenhuma desharmonia do conjuncto.

UM MOINHO DE ORAÇÕES NO MONGOL. — Cá em Portugal, e mesmo em todos os paizes civilisados, um moinho de orações é simplesmente uma beata; mas no Mongol, terra de gente exquisita, é aquillo que ali está na gravura. Querem a explicação? Tambem eu a queria, mas tenho de me dar por satisfeito com estas breves palavras de mr. Victor Maignan, na sua obra intitulada «De Paris a Pekin, por terra»:

«Os Mongoes tem practicas religiosas singulares e ceremonias funebres horribes. A practica principal do culto consiste em fazer girar, como um cavallo de trabalho, um grande moinho em que estão escriptas grande quantidade de orações. Dar uma volta n'este moinho, equivale aos olhos d'aquella pobre gente, a ter recitado todas as orações que elle contem. Por toda a parte se encontram d'estes moinhos; acham-se em todas as ruas, collocados a pequenas distancias, e podendo trabalhar ao mesmo tempo quatro ou cinco homens.»

Este systema de resar por machina talvez ainda venha a ser adoptado na Europa, logo que se lhe possa applicar outro motor. No estado de imperfeição em que ainda se acha, não offerece grandes vantagens.

Esperemos; o tempo nos traga mais este progresso, sem, todavia, nos trazer os *mongoes*.

O CASAMENTO NA CHINA

EXTRAHIDO DOS APONTAMENTOS DE UM OFFICIAL DE MARINHA

À porta de uma grande e nobre casa da rua mais commercial de Shanghai, pararam tres pessoas: dois velhos de barba branca e ares dos mais respeitaveis, e um mancebo, não tão bem vestido como os velhos, e com um volume ás costas.

Bateram, e apenas entraram, o dono da casa veu ter com elles e perguntou-lhes, com as saudações do costume, o motivo da sua visita.

Em vez de responderem, eis o que os velhos fazem: um abre o embrulho trazido pelo criado, o outro tira de uma carteira uma carta que o dono da casa se apressa a ler.

Eis o conteúdo da carta, em conformidade com uma formula invariavel:

«Possam os manes dos vossos venerandos antepassados velar sempre sobre vós.

«Possaes vós ainda por muito tempo comer o vosso arroz.

«O presente escripto é para vos rogar que me envieis a vossa filha. Um lyrio tão puro e tão branco tem necessidade de um apoio para o seu tronco tão fragil e que um nadinha pôde manchar. Quero ser esse apoio.

Feita a leitura d'esta pequena carta, o segundo velho apresenta ao pae uns sapatinhos de setim, uns alfinetes de ouro, frascos de essencias, ramos de flores artificiaes, etc. tudo destinado á noiva.

O papel que estes objectos desempenham é importante, porque acceital-os quer dizer sim e recusar-os quer dizer não.

O leitor ha de de desejar saber quem são os velhos, e deve ter dito consigo que um é o pae do mancebo e o outro algum parente proximo ou algum amigo da familia.

Nada d'isso.

São muito simplesmente agentes ou medianeiros de profissão, que tem uma qualificação correspondente em portuguez á de *moços de recados matrimoniaes*.

São muito numerosos em toda a China estes sujeitos casamenteiros, e quando sabem que ha algum rapaz em estado ou com desejos de casar, disputam-n'o entre si, perseguem-o com o offerecimento dos seus serviços.

Ainda bem que em Portugal não ha d'estes agentes, porque, em vista da grande falta de rapazes que se queiram casar, e da extrema abundancia de meninas que pretendem noivo, o sexo forte soffreria uma perseguição atroz, e na verdade o ser perseguido por agentes de barbas, não ha de ser tão agradável como ser perseguido por olhares e missivas de donzellas mimosas, segundo já tem succedido, não a mim, mas a pessoas do meu conhecimento.

Os taes agentes barbaudos, para inspirarem mais confiança, dão-se uns ares respeitaveis e graves, como quem diz: nós somos de uma discrição...

Geralmente fazem obra de empreitada, mas em caso de exito, além da quantia que se estipulou, recebem quasi sempre bons presentes.

Os dois industriaes que posemos em scena vieram os seus offerecimentos accites, e as bodas tiveram logar.

Emquanto duram estas, a noiva, sempre sequestrada, ainda mais rigorosamente fica sequestrada, e procedem de modo que se lhe torne impossível ver aquelle a quem deve unir a sua sorte.

O esposo é velho, moço, bello, feio, bem ou mal feito?

Ignora-o, e esta ignorancia é de rigor.

Finalmente chega o dia do casamento.

A noiva, em cima de um rico palanquim, cercadissimamente fechado, e escoltada pela maior parte dos membros da sua familia, dirige-se para a morada do noivo, que a espera á entrada da porta, rodeado tambem dos seus parentes.

Então ella apparece, ou melhor dizendo, apparece o seu vulto, porque um véo espesso lhe occulta o rosto.

Avança receiosa para aquelle a quem vê pela primeira vez e com quem está destinada a viver até á morte.

Então uma matrona arranca-lhe o véo, ella solta logo um grito, e põe-se a chorar. (O choro é de regra). O novo marido, porque já o é, deve manifestar a maior alegria.

Terminada esta scena convencional, dirigem-se todos para casa dos paes da noiva, onde tem logar a festa, que dura muitos dias com acompanhamento de musica.

A partir d'então, a joven reclusa pôde sair, livremente e sem véo, salvo se acertou com marido ciumento, porque então soffre a sorte de todas que tem maridos d'este genero, — tanto na China como na terra onde se vendem as laranjas da dita.

CARLOS DE SEPULVEDA.

GASPARD MUS

OS OCULOS DE GUILHERME TELL

(TRADUÇÃO)

Ha já alguns annos que se passou esta verídica historia na cidade de Dreckbourg, capital de um dos mais poderosos principados da confederação germanica.

Os dreckbourguezes — julgamos do nosso dever recordá-lo antes de irmos mais longe — tornaram-se sempre notaveis pelo seu amor pela arte, pelo gosto de que tem sabido dar exuberantes provas em materia de theatro, e, principalmente, pelo profundo respeito que testemunham pela musica e pelos grandes mestres.

Uma manhã, o director da *Abort-Theater* fez affixar cartazes annunciando a primeira representação do *Guilherme Tell*. A immortal obra prima de Rossini nunca tinha sido cantada em Dreckbourg; além d'isso os cartazes promettiam maravilhas de *mise-en-scène* e de desempenho.

Para dar uma idéa dos attractivos do programma, diremos apenas que o empresario insistia sobre a decoração do primeiro acto, em que promettia uma «ponte» praticavel (!!) lançada ousadamente sobre uma «torrente d'agua natural» (e mineral!!!)

Ao mesmo tempo annunciava o debut do illustre tenor Sauerkraut, a gloria artistica da Allemanha, no papel de Guilherme.

Escusado será dizer se á noite a sala do espectáculo estava deslumbante. As dreckbourguezas, rivalisando em toilettes e penteados, ostentavam, o melhor que cada qual podia, as suas graças germanicas no balcão e nos camarotes; os dreckbourguezes tinham, para honrarem a festa, envergado os seus mais bellos *redingotes à brandebourgs* e alisado mais do que nunca as suas chatas cabelleiras.

O espectáculo estava annunciando para as seis horas em ponto.

Os dreckbourguezes não gostam de se deitar mais tarde do que as dez horas da noite, e por isso de ha muito que aquella hora estava adoptada para começarem os divertimentos na boa cidade allemã.

As seis horas e meia, o panno não tinha ainda subido. O regente da orchestra estava no seu posto; os violinos de ha muito que faziam ouvir os seus sacramentaes *mi-mi-la-mi* de envolta com os não menos sacramentaes *sol-sol-sol*; as trompas tinham passado mais d'uma vez d'uma para

outra mão dos seus respectivos domnos; finalmente, os contra-baixos faziam ouvir varios *ron-ron-ron* cheios d'impaciencia.

O publico dreckbourguez é paciente; é essa

— Uma, duas, trez. Uma, duas, trez.

Ou antes, para conservarmos a côr local:

—«Ein, zwei, drei. Ein, zwei, drei.»

Perdia porém o seu tempo; por mais bulha que fi-

—e em falsete, ainda assim,— algumas arias nacionaes, como a *Latoria, latoria*, e a *Swi-diwi-diwi ponpon lassa*.

Às sete horas e um quarto, — finalmente! —



UMA CAMPONEZA DA PICARDIA

uma das suas mais brilhantes qualidades. Ainda assim, às sete horas menos um quarto, a parte mais impaciente d'esse publico começou a bater com os pés no chão sobre o *rhythm*o bem conhecido dos *lampiões*:

zesse, as desejadas trez palmadas não se faziam ouvir.

Em Pariz teriam gritado: o panno em cima ou o meu dinheiro.»

Os dreckbourguezes contentaram-se em cantar

subiu o panno, e todos viram avançar até á bocca da scena... o contra-regra do theatro.

Cumprimentou respeitosamente para a direita, depois para a esquerda, depois para a frente, e começou:

— Minhas senhoras e meus senhores, a empreza encarrega-me de reclamar toda a vossa indulgencia. O sr. Sauerkraut, que devia desempenhar o papel de Guilherme Tell, acha-se impossi-

— Porque não pôde representar o sr. Sauerkraut? perguntou uma voz da plateia.

— Está doente, respondeu o contra-regra halbuciante.

— Mas senhores, asseguro-lhes...

— Não queremos o Knapwurst. Quem queremos é Sauerkraut.

— Mas senhores, reiterou o desgraçado...



A ESMOLA

bilitado de representar esta noite. Vae ser substituido pelo sr. Knapwurst.

Uma trovoadade gritos interrompeu o honrado funcionario.

— Isso não é verdade; insistiu a mesma voz, vi-o aainda ha bocado na cervejaria da *Columna de marmoore*.

O contra-regra enxugou com o lenço o suor que lhe corria pelas faces.

— O empresario... venha o empresario, disse outra voz.

— Sim, venha o empresario, repetiram em côro os descontentes, que eram todos os espectadores.

O contra-regra recitou até ao fundo da scena, enxugando sempre o suor com o lenço e distribuindo para um e outro lado cumprimentos capazes de enternecer o coração de um publico de pedra.

Mas o publico de Dreckbourg é um publico de marmore, de ferro, de aço... A nada se moveu e não deixou de gritar:

— O empresario! o empresario! o empresario!
O panno desceu vagarosamente.

Então é que os gritos redobram! Um verdadeiro inferno! Os dreckbourguezes estavam furiosos; as dreckbourguezas, furiosas tambem por verem que tinham perdido o tempo em se parmentarem com os seus mais bellos vestidos, não eram as que faziam menos bulha; alguns engraçados, — em toda a parte ha engraçados, até em Dreckbourg, — aproveitavam a occasião para imitarem o grito de todos os animaes conhecidos e por conhecer.

O regente da orchestra encheu-se de coragem, levantou a batuta e fez começar a symphonia. O charivari foi então completo, tão completo que conseguiu não deixar ouvir a bella musica de Rossini. A orchestra teve de callar-se.

Finalmente, o panno oscillou de novo e subiu. No meio d'uma horrorosa tempestade, o empresario em pessoa avançou até á bocca da scena, de cabeça levantada, bella calça de casimira preta, gravata branca, e a mão collocada sobre o coração.

— Meus senhores, começou elle...

Quando elle appareceu em scena, restabeleceu-se por um momento o silencio; foi, porém, de curta duração. A aria dos *lampiões* voltou aos labios de todos e com maior força.

— Sauerkraut! Sauerkraut! Sauerkraut! gritavam de todos os lados.

— Meus senhores, continuou o empresario enfiado, Sauerkraut... pae de muitos filhos... myopia extraordinaria... a ponte... ausencia de parapeto..., é o que apenas se poudo ouvir nos intervallos do grande motim.

— Silencio!... oigamos o que elle diz.

O empresario, aproveitando a boa disposição em que o publico parecia querer entrar, começou a berrar como um possesso:

— Meus senhores, o illustre artista Sauerkraut é pae de muitos filhos...

— Que temos nós com isso? gritou a plateia em pezo.

— É myope, meus senhores, horrorosamente myope.

— Tanto peor para elle.

— A ponte, aquella ponte, continuou o empresario apontando para o fundo da sua esplendida decoração, aquella ponte não tem resguardo algum...

— Pois pozessem-lh'o.

— O sr. Sauerkraut não quer arriscar a vida atravessando a ponte. A sua vista muito curta póde occasionar-lhe alguma catastrophe. Tem medo de cair.

— Se tem medo, compre um cão, diziam uns.

— Se não vê, ponha oculos, diziam outros.

— Amanhã, meus senhores, mandarei pôr um parapeto na ponte e o sr. Sauerkraut poderá sem perigo...

— Hoje, hoje é que o queremos! que ponha oculos.

— Mas, meus senhores, balbuciou o empresario...

Os *lampiões* recommencaram com nova lettra:

— Ponha oculos! ponha oculos! ponha oculos!

O empresario não conseguindo fazer-se ouvir, cumprimentou e o panno desceu.

Era grande a animação entre os espectadores. Felizmente agora limitavam-se a falar com calor, o charivari tinha acabado. Discutiam se Sauerkraut cantaria ou não cantaria.

O panno subiu outra vez. Fez-se um silencio absoluto.

— Meus senhores, disse o empresario, o espectáculo vacou começar immediatamente. O sr. Sauerkraut consente em cantar, com oculos.

A noticia foi recebida com applausos freneticos.

Começou a representação, que correu até ao fim sem outro accidente desagradavel. Foi assim que se viu Guilherme Tell libertar as quatro nações e disparar o tiro sobre o pomo collocado na cabeça do filho... de oculos. O feroz Gessler não protestou contra a innovação.

O successo foi enorme.

No dia immediato, como a ponte estivesse guarnecida de um solido parapeto, Sauerkraut quiz representar sem oculos; o publico não consentiu. Exigiu terminantemente esse instrumento d'optica, sem o qual, na sua opinião, não podia passar o libertador da Suissa.

De então para cá todos os tenores, por mais apurada que tenham a vista, são obrigados a enfeitar-se com esse utilissimo appendice nasal.

As mais graves gazetas, os mais serios jornaes do Principado consagraram longos e substanciosos artigos á discussão do seguinte problema:

Guilherme Tell usava ou não usava de oculos?

E a conclusão unanime d'estas discussões foi sempre em favor da affirmativa.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tisset e Constant Améro

(Continuado de pag. 88)

M. Nadeieff era um homem baixo, forte, com uma cara larga de Kalmuk, olhos negros de um olhar agudo e penetrante, nariz chato, beijos grossos deixando ver uns dentes brancos e solidos de carnivoro, barba preta, anelada e lanosa como o barrete de pelle de carneiro, que trazia.

— Tenho por systema, disse elle a Yegor, tirar o maximo proveito das pessoas a quem pago. Um homem, como tu, é por força um mau operario com uma ferramenta na mão... Sabes manejar melhor a penna, não é verdade?

— Frequentei a Universidade de Kieff, respondeu Yegor modestamente.

— Bem sei, bem sei. E tambem sei que poderias chegar a ser um engenheiro distincto, se te não tivesses envolvido em cousas, que te não importavam.

— Mas eu não...

— Basta! Não sou nenhum juiz... O que te posso fazer é o seguinte: empregar-te n'uma occupação menos ardua, mais conforme com os teus desejos e aptidões, e ao mesmo tempo mais vantajosa para mim. Tenho de escrever uma memoria para o czar, em que me proponho demonstrar que, se apesar da riqueza do solo e das minas, a Siberia é uma região de desgraça e de miseria, é porque forçosamente ha um vicio ra-

dical no «systema.» Preciso de um secretario habil para desenvolver esta ideia; achei o meu homem, és tu. O capitão já está prevenido da tua partida. Amanhã serás levado por um dos meus cocheiros para Irkutsk, onde irás habitar em uma das minhas casas.

Para Irkutsk! oh! como este nome souo agradavelmente aos ouvidos de Yegor. Pois não era lá, que o inspector das minas de Nertchinsk lhe disse, que estavam internados Davidoff e a filha! Ir-se-hia elle encontrar com os seus antigos amigos? Era muita felicidade junta; não o podia acreditar. Fôra uma intervenção providencial! Para Irkutsk! isto é, longe da mina, longe do cabo e do seu chicote, longe da rocha homicida, que já tremia pela base, longe do suicidio; para Irkutsk! para um mundo ainda civilisado, para os mesmos logares em que talvez vivessem Davidoff e a sua adoravel Nadege... Yegor bendizia agora o exilio, que ia compartir com a irmã adoptiva, que elle tão nobremente amava! Sentia pulsar-lhe o coração vigorosamente: mas não queria revelar o jubilo que lhe ia na alma. Nadeieff podia interpretar mal os seus sentimentos, e mudar de ideia.

Yegor respondeu simplesmente:

— Estou ás suas ordens, senhor. Quanto puder fazer, tanto farei para servir-o á sua vontade.

— Pois bem. Assim é que eu gosto que me fallem. Amanhã, ás oito horas, o cocheiro ir-te-ha buscar n'uma «troika.» (*) Só posso estar em Irkutsk d'aqui a quatro ou cinco dias. Tens tempo para te alojares e descansar em quanto não chego.

III

A manhã, apesar de fria, era lindissima. O outono ia já adiantado. Todavia as arvores que se erguiam de espaço a espaço, conservavam todo o luxo da folhagem sombria, em que não destacava um só fructo vermelho ou dourado. Na Siberia as arvores não produzem, não porque lhes falte calor, mas por causa do rigor extremo da neve, que damifica as raizes e destroe a acção da seiva. O cco, completamente desanuviado, tinha a limpidez de um lago azul; bandos de patos bravos—brancas flótilhas—suleavam esse lago.

No meio da planicie triste e monotona serpeava o caminho em que apenas havia vestigios das rodas de um ou outro vehiculo, e cujo silencio era alterado agora pelo rodar ligeiro de uma «troika» tirada por tres cavallos rosillos, de raça siberiana, de pescoco forte, grosso, e de systema osseo muito desenvolvido.

A «troika» desliza com extrema rapidez, porque transportava só um viajante, que por toda a bagagem levava uma especie de mala ou sacco de couro.

Esse viajante, é facil adivinhar, era Yegor Seménoff.

Desde que principiou a respirar outra vez ar puro e livre, desde que poudo novamente contemplar o sol e o espaço, operou-se n'elle uma como resurreição. O corpo começava a endireitar-se, e os olhos recuperavam o brilho e viveza naturaes. Então, com a vista perdida nos vagos confins do horizonte, meditava no passado sem grande amargura e já se não arreceiava do futuro.

As recordações da infancia acudiam-lhe ao es-

(*) Carraagem de tres cavallos.

pirito como um cortejo alegre e risonho no meio da solidão profunda e triste, que atravessava com toda a velocidade da sua «troika».

Já não estava na Sibéria, no exílio, mas na velha mansão, em que nascera e que nunca deixaria ter deixado. Corria com sua irmã debaixo das árvores de um bello parque, e com ella passeiava a cavallo pelos campos. Oh! tempos felizes! Com que ternura se lembrava d'elles! Que vida descuidosa! Que bailes! Que festas! Parecia-lhe estar vendo os salões illuminados, buliçosos, as escadas cheias de creados, as varandas e terrassos apinhados de formosas damas vindas de todas as residencias senhoresas dos arredores.

Um dia dançou-se mais tempo do que era costume. Foi no dia em que a irmã de Yegor casou com um capitão da marinha mercante de Riga; a boda foi celebrada na propriedade dos Semenov. No dia seguinte, quando a irmã partiu, Yegor internou-se no bosque e chorou. Seis mezes depois, também elle deixava a casa paterna para ir cursar a universidade de Kieff.

Ahi encontrou uma segunda familia na do poeta Davidoff, professor de litteratura slava na universidade e uma segunda irmã na encantadora Nadege, filha unica do escriptor.

O seu pensamento melancolico, sonhador, balouçado pela carreira dos cavallos, levava-o áquelle poetico lar, áquella casa hospitaleira, em que a mocidade academica recebia tão benevolento acolhimento. Havia todas as noites reuniões em que se ventilava alguma questão litteraria, em que se recitavam trechos de poesia, em que algum musico improvisava uma ballada ou executava uma aria, de uma opera inedita. Nadege fazia o chá; depois, sentava-se ao piano e cantava uma das canções populares da Russia, tão suaves, tão melancolicas na letra e na melodia.

Um domingo, aquella casa tão alegre, tão animada, ficou repentinamente vazia e deserta. Aos amigos, que, segundo o costume, vinham ali passar a noite, respondia-se que Davidoff e a filha tinham partido para uma grande viagem. A verdade era que a policia, inquieta com aquellas reuniões, arreceiou-se d'ellas e o velho poeta, porque parecia pertencer ao partido liberal avançado, tinha sido preso e mandado para a Sibéria por simples medida administrativa. Em attenção á sua muita idade, foi-lhe permitido ser acompanhado por sua filha, que elle idolatrava, e cuja separação o mataria por certo.

Este doloroso acontecimento causou a Yegor a mais profunda tristeza. Todavia as reuniões dos amigos do poeta não foram interrompidas; o estudante offereceu-lhes receber-os em sua casa. Tres annos depois era também preso pela policia, e deportado, como Davidoff, para a Sibéria, sem julgamento, sem processo.

Estas ultimas recordações avivaram-lhe a lembrança do muito que soffrera desde a noite em que o arrancaram da cama, lançaram-n'o no fundo de um carcere, e durante três mezes o levaram mettido em ferros, n'uma kibitka, pelo cruel e comprido caminho do exílio!

Finalmente a sua sorte experimentava uma subita e inesperada melhoria. Era quasi a liberdade que lhe concedia o concessionario das minas, Nadeieff.

—Se eu fosse, murmurava Yegor, encontrar vivos, internados em Irkutsk, Davidoff e a filha!...

Não podia acreditar na ideia de que tivessem

morrido em consequencia de maus tratos, de fadigas e de privações!... Desejava com tanto ardor tornar a ver os seus antigos amigos! Nutria tanta vontade de suavisar-lhes a vida de condemnados! dizer-lhes palavras de consolação e de esperança!

Interrogou francamente o cocheiro:

—Ouviste fallar alguma vez em Irkutsk, n'um deportado, de nome Davidoff? — perguntou elle.

—Eu não conheço nenhum «vernak» (*) nem lá, nem n'outra qualquer parte, respondeu o «yemshchik», que provavelmente não queria dizer nada.

Ao terceiro dia, depois de ter passado duas noites na troika, em que mal podera dormir, Yegor avistou, doiradas pelos raios do sol poente, as torres esguias, as cupulas arredondadas, os minaretes brancos e os zimbórios esverdeados de Irkutsk. Não poudo conter uma exclamação de contentamento.

Sentada n'uma das elevadas encostas do Angara, cujas aguas scintillavam em mil reflexos caprichosos, banhada da luz terna, encantadora do occaso, que lhe formava como um fundo de ouro byzantino, a capital da Sibéria oriental apparecia ao exilado com as fascinações maravilhosas da miragem. Os seus olhos, em que se debuxava a alegria, seguiam a longa serie de muralhas que defendem a cidade; descanzavam nas grandes cruces de ferro abertas, que encimavam as igrejas gregas, e baixando depois ás casas reunidas em ilhotas negras ou brancas, pareciam investigar, perguntar debaixo de que tecto teriam achado abrigado Davidoff e Nadege.

(Continua)

OS PERIGOS DE DORMIR NA CAMA

POR UM AMERICANO

I

O homem que estava no *guichet* perguntou-me:

—Quer também um seguro contra os perigos do caminho de ferro?

Depois de me recolher um pouco e parafusar no caso, respondi-lhe:

—Não; não me parece necessario; vou passar o dia em viagem de caminho de ferro. Mas, amanhã é que não viajo. Dê-me então um bilhete para amanhã.

O homem pareceu embaraçado, e retrucou:

—Mas é para desastres em caminho de ferro; logo que o senhor vai viajar em caminho de ferro...

—Pois por eu ir viajar assim é que não preciso d'esse seguro. Do que tenho medo é de ficar em casa, na cama.

Eu estudára este assumpto. No anno passado andei vinte mil milhas, quasi sempre de caminho de ferro; no outro anno, andei umas vinte e quatro mil milhas, metade por mar, metade por via ferrea, o no anno anterior a este, percorri cerca de dez mil milhas, exclusivamente em estrada de ferro. Parece-me, desprezando no calculo um ou outro dia de descanso, parece-me poder dizer, que viajei umas sessentamil milhas du-

rante os tres ultimos annos, e nunca me succedeo o mais pequeno accidente.

Durante muito tempo, disse todas as manhãs com os meus botões, ou melhor ainda com os meus lençoes:

—Até agora tenho escapado, ha por conseguinte muito mais probabilidades de eu apanhar d'esta vez. Para ser esperto devia habilitar-me com um bilhete.

E comprava, mas sempre me saia branco; todas as noites me deitava na cama sem ter deslocado um braço, sem ter torcido um pé. Aborreci-me d'aquella *tumbice* diaria, e atirei-me a habilitar-me com bilhetes validos por um mez.

Mas nem assim. Nunca um premio! Fartava-me de ler notícias de catastrophes em caminhos de ferro. Os jornaes vinham cheios d'aquellas calamidades; mas que demonio! nunca as topava, ou melhor dizendo, nunca me topavam pelo caminho... de ferro.

Vi a final que tinha gasto um dinheirão, e nem o ultimo premio apanhava! Principiei a nutrir suspeitas, e tratei de procurar alguém que tivesse apanhado. Encontrei muita gente que se tivesse habilitado, mas nem um só feliz que houvesse alguma vez dado um trabalho ou agarrado um premio.

Deixei-me então de entrar na sorte e principiei a entrar pelas estatisticas. Pasmel! Cheguei á conclusão scientifica de que o perigo não estava em viajar, mas em ficar em casa.

Foi grande o meu assombro quando pelas estatisticas verifiquei que a despeito de todas as noticias de sensação que vinham nos papeis a respeito de desastres em caminho de ferro, apenas trezentas pessoas tinham perdido a vida no decurso de um anno.

O caminho de ferro de Erie era o mais assasino da lista. Tinha morto o dobro do numero dos outros caminhos de ferro. Mas a razão d'isto era porque este caminho tinha o duplo da extensão de qualquer outro, e também muito mais movimento.

Entre New-York e Rochester o caminho de Erie tem todos os dias em movimento desesseis comboios, isto é, faz um transporte diario de umas 6000 pessoas. Portanto, cerca de um milhão em seis mezes, nada menos que a população de New-York. Pois bem, o Erie mata de treze a vinte e trez pessoas d'entre o seu grande milhão, enquanto que no mesmo espaço de tempo 13000 pessoas d'entre o milhão de New-York, morrem nas suas camas!

Arrepiaram-se-me as carnes, puzeram-se-me os cabellos em pé. E' para esmorecer! «disse eu commigo.» O perigo não está em viajar por caminho de ferro, está em uma pessoa depositar o seu corpo e a sua confiança n'essas mortíferas camas. Nunca mais torno a dormir sobre um colchão.

Ha na America 846 linhas de caminho de ferro, que eu calculo transportarem 2,115,000 pessoas, portanto, seiscentos e cincoenta milhões n'um anno, não contando os domingos.

S. Francisco tem a oitava parte da população de New-York; na primeira cidade morrem 3120 pessoas por anno, e oito vezes este numero em New-York, isto é, umas 25000 ou 26000. Suppondo, com bem fundadas razões, que as condições de sanidade são pouco mais ou menos as mesmas em todo o paiz, pode-se calcular que de cada milhão de individuos morrem 25000. Sen-

(*) Expressão indigena que encerra todas as ideias de objectação e de infamia, e que se applica aos deportados.

do a população de quarenta milhões, morre um milhão por anno. D'este milhão uns dez ou doze milhares finam-se a tiro, à faca, afogados, enforcados, envenenados, ou encontram morte igualmente violenta por outra qualquer forma vulgar, como por exemplo, cair de um telhado abaixo, ficar sepultado n'uma mina, afundar-se com um sobrado que abata, tomar remedios muito annunciados nos jornaes, fazer uma viagem a Lisboa, desembarcar e vir infeccionado com as febres do Aterro, em summa, suicidar-se por qualquer forma semelhante. O caminho de ferro de Erie mata, como vimos, de 23 a 16, e os outros caminhos de ferro matam cada um, pouco mais ou menos, a terça parte de uma pessoa, e o resto do tal milhão, subindo na totalidade á aterradora cifra de novecentos e oitenta e sete mil seiscentos e trinta e uma creaturas, morrem de morte natural para sempre nas suas proprias camas!

Desculpam-me se não me torno a arriscar nas taes camas. Para mim bastam-me os caminhos de ferro.

O conselho que dou a toda a gente é o seguinte: «Nunca estejam em casa senão o tempo que não poder deixar de ser; mas quando tiverem de permanecer em casa por algum tempo, tomem um seguro, e ainda assim não se deitem á noite. Todo o cuidado é pouco.

Foi por todas estas considerações que eu respondi ao homem do *guichet* da maneira acima mencionada.

Onde se morre mais é na cama, esta é que é a verdade.

Trad.

CUNHA E SA.

D. SABINO DE GOICOEHEA DIVIDAS DO CORAÇÃO

TRADUÇÃO DE

J. M. PASSOS VALENTE

I

A batalha do Nazar

Repara bem n'ella! Pallida, febricitante, com os cabellos desgrenhados e o fado em desalinho, repara n'essa mulher que se move de um para outro lado, correndo, parando, abaixando-se até o chão para tornar a erguer-se mais agitada, mais convulsa, mais desesperada, mais... louca! Louca sim; que só esta palavra pode traduzir bem o estado de excitação em que se acha a pobre mãe.

Porque é uma mãe, uma mãe que procura o fructo das suas entranhas, ali onde horas antes se despediram d'este mundo até á eternidade tantos e tantos filhos, tantos e tantos paes, tantos e tantos... irmãos!

.....
Era a noite de 29 de dezembro de 1834.

Noite nebulosa, escura e sombria, triste reflexo da lucta fratricida, do combate encarniçado que acabava de se ferir entre christinos e carlistas, entre hespanhoes e... hespanhoes, nos campos de Nazar e Asarta.

De um lado Oráa y Lorenzo, do outro Zumalacárregui, haviam-se acometido não como ho-

mens, senão como feras, que só se dão por vencidas ao exhalarem o derradeiro alento.

Queimado o ultimo cartucho pelos soldados carlistas, reuniu o caudilho d'estas tropas os seus mais valentes soldados, e depois de uma breve fallal collocando-se á frente d'elles, á semilhança do primeiro Napoleão na passagem da ponte de Arcoli, avançou á arma branca contra o inimigo, fazendo por um momento parar a impetuosa carga, com que este parecia querer envolvê-lo.

Não teve, porém, Zumalacárregui a sorte do *Gran capitán* d'este seculo. Apertado pelos flancos, pela frente e pela rectaguarda por forças trez vezes superiores ás suas, vio-se obrigado a ceder o campo, não sem ter feito pagar cara, muito cara, a victoria do exercito isabelino.



UM MOINHO DE ORAÇÕES NO MONGOL

No primeiro momento a retirada foi confusa e desordenada; a metralha que vomitavam as bocas das peças de montanha e as descargas cerradas da fusilaria não deixavam aquelles valentes nem occasião nem espaço sufficiente para se reorganisarem e poderem fazer frente ao inimigo.

Perseguidos os carlistas sem tregoa nem descanso, só em Santa Cruz de Campezu puderam fazer alto, e ali conseguiram finalmente restabelecer a ordem nas suas fileiras, seguindo unidos para Otco, onde deviam descançar.

A' entrada da ponte de Arquijas achava-se uma mulher, joven ainda, e cujas formosas feições completamente transtornadas revelavam á vista menos perspicaz a angustia que lhe ia na alma. Immobile e insensível a tudo, cravava o seu olhar de aguia em cada um dos soldados, que a passo accelerado transpunham a ponte de um extremo a outro.

Ao cabo de algum tempo, aquella mulher, que

todos até ali teriam tomado por uma estatua, se não fosse o arfar precipitado e impetuoso do seio, atropellando as filas, misturando-se entre os soldados, empurrando uns, fazendo parar outros, e estorvando o andar dos demais, exclamava no cumulo da desesperação:

— Onde está meu filho? O meu Luiz! Onde está?

Os soldados, uns empurravam-n'a para abrirem caminho, sem se demorarem a responder-lhe, outros fitavam-n'a encolhendo os hombros, outros finalmente, e esses eram mui poucos, paravam para se inteirarem das perguntas, ora ameaçadoras, ora supplicantes, repetidas a cada instante por aquella mulher:

— O meu filho!... o meu Luiz onde está?...

Digam-m'o os senhores, que m'o levaram, digam-m'o já, por Deus crucificado. Onde está?

Chegou um momento, em que se conhecia que augmentára entre os soldados o interesse que necessariamente inspirava aquella pobre mulher. Ao aproximar-se um mancebo, cujo rosto coberto de sangue ainda fresco, denunciava ter encarado de frente o inimigo, quando com o accentto apagado da desesperação a pobre mãe repetia pela millesima vez:

— Digam-me onde ficou o meu Luiz, o filho das minhas entranhas?... este parou a contemplar-a um instante, balbuciando:

— Luiz!...

— Sim, sim! respondeu ella agarrando-se ao capote do soldado. Sim, é esse, o meu Luiz; tu conheces-l'o, e vaes dizer-me... Então!... ou mais tarde ou mais cedo heide sabê-lo!... Responde depressa, por tudo quanto amas n'este mundo!

— Ficou lá!... disse elle.

E ao soldado, que por ventura não pestanejara ao receber a bala que o ia matando, faltaram-lhe o valor e a serenidade bastantes para afrontar o olhar de fogo da mãe, transformada em leão a quem roubaram a cria.

A desditosa mãe fitou o soldado por um instante, um instante apenas, porém, de tal forma, que os seus olhos pareciam querer penetrar, como se fosse a travez

das paredes de um fanal, até o intimo do peito d'aquelle que sabia onde tinha ficado o filho querido do seu coração.

— Onde?... disse ella, detendo o soldado com o olhar e agarrando-o com ambas mãos. Onde?... Onde?... e repetia a pergunta sem cessar, com uma voz, com uma expressão, em que se lia uma epopeia completa de dôr, de angustia e de desesperação.

Aquelle valente não teve o sangue frio necessario para poder articular uma só palavra; limitou-se a levantar um dos braços horizontalmente estendendo a mão na direcção do campo da batalha.

(Continua.)